

# O ruído infame das ecologias menores:

o *grindcore* e as relações entre meio ambiente e educação

Por Rodrigo Barchi<sup>11</sup>

## Resumo

O *grindcore* é uma dissidência mestiça do *punk* e do *heavy metal*, em suas vertentes mais rápidas e pesadas, surgidas nos anos 80. A brutal cacofonia marca sua postura anticomercial, e as perspectivas libertárias de suas capas e letras expõe a radicalidade de seu posicionamento político. A intenção deste texto é promover um diálogo entre a ecologia, a educação e o *grindcore*, partindo da concepção desse último como um criador de perspectivas ambientais e formativas menores e libertárias, não alinhadas às perspectivas hegemônicas e institucionalizadas. Os conceitos de infâmia e “saberes insurrectos” sugeridos por Michel Foucault possibilitam potencializar o *grindcore* como agente de construção de outras verdades e histórias.

Palavras-chave: Grindcore, meio ambiente, educação, saberes insurrectos, infâmia.

## Abstract

The *grindcore* is a mixed dissidence from *punk* and *heavy metal* due to faster and heavier aspects that occurred in the 80's. The brutal cacophony sets its anti-commercial attitude and the libertarian perspectives of the covers and lyrics show the radicalism of its political position. The intention of this text is to foster a dialog between environment, education and *grindcore* from the conception that this last one as the creator of environmental perspectives and smaller and libertarian information that is not aligned with the hegemonic and institutionalized perspectives. The infamous concepts and the insurgent knowledge suggested by Michel Foucault enable to optimize the *grindcore* as a construction agent of other facts and histories.

Keywords: Grindcore, environment, education, insurgent knowledge, infamous

---

11 Doutor em Educação pela Unicamp, Mestre em Educação pela Uniso, Especialista em Educação Ambiental pela EESC-USP, e professor coordenador do curso de Geografia da Uniso. Email: rbarchicore@uol.com.br

Toda tomada de poder é também uma aquisição da palavra. (Pierre Clastres)

Siege of power inside your mind  
Outward restrictions to keep you in line<sup>2</sup>  
(Napalm Death)

## Dissidências...

Há uma história da educação ambiental. E há histórias outras, de educações ambientais outras. A primeira é contada nos documentos e tratados assinados ao final das grandes conferências, reuniões e congressos internacionais da educação ambiental, realizadas sob a tutela das Nações Unidas. E também está registrada nos programas, políticas e cartilhas institucionais, as quais são produzidas pelas secretarias de educação e/ou de meio ambiente dos governos nacionais, estaduais e municipais, servindo de referência “segura e inquestionável” para as ações públicas em âmbito estatal e também para a produção de conhecimento em educação ambiental.

Por sua vez, é possível pensarmos que as perspectivas ecologistas estão presentes em outros meios que não somente aqueles que foram institucionalizados, ou mesmo que buscam terem reconhecidos seus discursos para serem incluídos entre as noções devidamente legitimadas como educação ambiental, sendo enquadradas e cristalizadas nos/pelos padrões científicos e burocráticos vigentes.

Essas outras ecologias estão presentes nos discursos e nas ações de grupos que não estão preocupados com a sua aceitação perante as esferas e organizações que legitimam oficialmente o que é ou não ecologia. São manifestações de pessoas e coletivos que buscam fugir aos padrões de conduta impostos por uma determinada ação normalizadora, a qual se mostra cada vez mais impositiva das noções homogeneizantes daquilo que possa ser entendido como ciência, educação e ação política.

Ao recusarem sua legitimação pelas esferas do poder institucionalizado, e manterem sua postura radical perante as ações predatórias do capital associado aos Estados nacionais<sup>3</sup>, é possível, se não classificarmos – para não cairmos na armadilha taxonômica e universalizante de algumas práticas científicas intransigentes nas ciências humanas – mas potencializarmos essas ecologias como me-

2 Cerco de poder dentro de sua mente  
Restrições externas para te manter na linha

3 Essa associação entre o Estado e o capital na promoção dos impactos socioambientais e na predação das paisagens naturais, são discutidas há muito tempo por pensadores como Lutzenberger (1985), Guattari (1990), e Castoriadis e Cohn-Bendit (1981).

nores. As quais, por estarem em uma condição de militância e dissidência<sup>4</sup> perante o caráter oficial das ecologias, não compartilham e nem são cúmplices das perspectivas ecológicas presentes nos documentos oficiais, que podem ser chamadas de maiores.

Esse texto, portanto, tem a intenção de trazer o discurso ecologista presente em um movimento (anti) musical chamado *grindcore*, surgido nos anos 80 e que se caracteriza tanto pela grande velocidade quanto pelo alto ruído de suas composições. Surgido na esfera dos movimentos punks anarquistas, e também das vertentes do metal, as letras das (anti)músicas e as imagens de capas, o estilo apresenta perspectivas muito radicais no que diz respeito à política, à sociedade, à ciência e à ecologia. E são justamente as ecologias do *grindcore* que esse ensaio pretende abordar, enfocando, principalmente, o seu potencial educador e formativo.

Como escopo teórico, a proposta é trazer o debate realizado por Foucault, a partir da influência de Nietzsche em seu pensamento e obra, sobre a genealogia e a construção do saber, de forma que seja possível, a partir do conceito de “saberes insurrectos” e das verdades construídas pelas pessoas infames, desvelar-se um pouco mais sobre as ecologias e educações menores construídas por esses grupos menores e/ou marginais<sup>5</sup>. Quando sugiro a infâmia, é no sentido de trazer à tona os registros de pessoas e/ou grupos que não têm suas histórias, vidas e perspectivas inclusas no que é entendido, pelos discursos oficialistas e maiores, como “A história da Educação Ambiental”<sup>6</sup>.

Cabe ainda ressaltar que o esforço aqui não é buscar indícios daquilo que se chama por ecologia – ecologia maior – nas manifestações que exponho, apesar de elas também existirem. Assim como na esfera da educação. Mas, como sugere Viveiros de Castro (2007), na pesquisa antropológica, a proposta é potencializar o pensamento sobre essas multiplicidades como força menor, e buscar nessa perspectiva suas formas educativas e ecológicas. Longe de agregar as perspectivas ecológicas à “multiplicidade de concepções ecologistas” e pensá-las também como mais um integrante da ecologia maior (n+1), a intenção é discutir essas ecologias e educações menores como sistemas próprios, criadores de suas próprias perspectivas, que põem para correr as universalidades totalizantes para estabelecer suas medidas (n-1).

4 O conceito de menor é abordado amplamente por Deleuze e Guattari, quando sugerem a noção da literatura menor em Kafka (DELEUZE; GUATTARI, 2014), e ciência menor, no “Tratado e Nomadologia” (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Na esteira dessas sugestões, Silvio Gallo elabora o conceito de educação menor, (GALLO, 2004), Godoy propõe a “menor das ecologias” (GODOY, 2008), e Barchi discute as possibilidades de se pensar as educações ambientais menores (BARCHI, 2009).

5 Reigota (2010) sugere que a educação ambiental não se prive de realizar um amplo debate com os conhecimentos que vem das margens. Aqui é proposto que seja possível convergir os conceitos de saberes marginais e ecologias menores, para que se possa compreender a posição do *grindcore* na construção de outras perspectivas ecologistas em educação.

6 Mais do que dizer “o mais comum dos segredos”, como sugere Foucault ao utilizar a fala dos homens infames em sua pesquisa (FOUCAULT, 2012, p. 217), as ecologias que trago nesse artigo – e suas relações com a educação – são infames por ser descaradas, além das leis e das normas, e estarem em esferas não expostas pelas “fábulas” amplamente disseminadas pelos meios oficiais, que tomaram para si a educação ambiental, na construção da teoria e na proposição das ações.

# As verdades outras

A influência do pensamento nietzscheano no trabalho de Michel Foucault é marcada constante e intensamente na perspectiva genealógica dos textos e pesquisas desenvolvidas a respeito do poder. Foucault, inclusive, adota o termo genealogia para fazer as investigações relativas ao exercício do poder na construção dos sujeitos.

No prefácio de *Genealogia da Moral*, Nietzsche afirma ser necessário que o valor dos valores morais seja colocado em questão (NIETZSCHE, 2009, p. 9). Recusando a noção na qual a moral sempre esteve à margem de qualquer questionamento, sugere o alemão uma análise detalhada. Essa nova exigência se faz presente devido, justamente, ao fato de que, se não há uma origem, uma fundação e um princípio das coisas e do mundo, não há também um princípio metafísico impositivo das condutas dos seres humanos. O filósofo alemão alega que é necessário perguntar-se sobre o que é e como esses valores foram construídos, e como o bem e o mal se tornaram sinônimos de útil e nocivo.

Foucault afirma que Nietzsche, ao buscar o momento (ou os momentos) em que, para um povo ou nação, as “almas” se unificam, e o “eu” se inventa como uma unidade, é possível identificar uma série de acontecimentos e acidentes, que tornam possível fazer da origem – ao ser agitada – um aglomerado heterogêneo, cuja fragmentação destrói toda a unidade da fundação:

A proveniência também permite reencontrar, sob o aspecto único de uma característica de um conceito a proliferação dos acontecimentos através dos quais (graças aos quais, contra os quais) eles se formaram. A genealogia não pretende recuar no tempo para estabelecer uma grande continuidade para além da dispersão do esquecimento. Sua tarefa não é mostrar que o passado está ainda ali, bem vivo no presente, animando-o ainda em segredo, após ter imposto a todos os obstáculos de percursos uma forma esboçada desde o início. (FOUCAULT, 2013, p. 278-279)

A genealogia se faz como a análise da proveniência, ou seja, do antigo pertencimento a um grupo e tudo aquilo que o liga, o ordena e o assemelha. Por isso Foucault afirma que a genealogia está presente e precisa mostrar a articulação do corpo com a história, que o marca e arruína. É a partir da raça ou do tipo social que torna possível o “assemelhamento” de uns com os outros. É a partir dos erros produzidos na criação de um tipo de corpo que tenderia a ser o modelo dessa semelhança do indivíduo ao outro, e o aparecimento das falhas devido aos acidentes, desejos, acontecimentos e erros que se torna possível a análise da proveniência, a despeito da origem.

E é sobre o corpo que Foucault realiza suas primeiras análises genealógicas ao escrever *Vigiar e Punir*, em que utiliza a terminologia de Nietzsche para estudar os efeitos de poder na construção dos “corpos dóceis” em instituições como hospitais, quartéis, escolas e prisões.

Foucault chama de microfísica do poder um exercício que faz com que os corpos sejam produtivos e, para isso, necessitem ser docilizados. Mas essas práticas de criação de corpos dóceis não são concebidas tanto como uma propriedade de quem está em uma posição privilegiada nas sociedades, sobre os grupos localizados sob esse poder, mas é uma estratégia na qual os efeitos de dominação são atribuídos à certas disposições, manobras, táticas, técnicas e funcionamentos que desvendam relações tensas (FOUCAULT, 1987, p. 26) nas quais os corpos, mais do que serem possuídos por um soberano absoluto, são construídos e moldados, ganhando uma utilização político-econômica, já que as sociedades, a partir do século XVIII e XIX, exigem uma mão-de-obra livre e consumidora. Dessa forma,

Analisar o investimento político do corpo e a microfísica do poder supõe então que se renuncie – no que se refere ao poder – à oposição violência-ideologia, à metáfora da propriedade, ao modelo do contrato e da conquista. No que se refere ao saber, que se renuncie à oposição do que é interessado e do que é desinteressado, ao modelo do conhecimento e ao primado do sujeito. (FOUCAULT, 1987, p 27)

Quando decide estudar os mecanismos punitivos nas instituições disciplinares, Foucault o faz dando destaque, principalmente, aos efeitos positivos (FOUCAULT, 1987, p. 23) que as ações punitivas podem induzir, fazendo dessas uma “função social complexa”, que dão ao corpo utilidade e docilidade, o constituindo como uma força de trabalho produtiva e submissa:

Essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência ou da ideologia: pode muito bem ser direta, física, usar a força contra a força, agir sobre elementos materiais sem, no entanto, ser violenta: pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser sutil, não fazer uso de armas nem do terror, e no entanto, continuar a ser de ordem física (FOUCAULT, 1987, p.26).

É esse o momento em que Foucault sugere que pode haver um “saber” no corpo que não esteja ligado intrinsecamente ao funcionamento ou controle do mesmo, mas uma tecnologia política do corpo, a qual seria uma “Instrumentação uniforme” (FOUCAULT, 1987, p. 26). Como afirma Machado (2007, p. 167), a partir de *Vigiar e Punir* Foucault pretende explicar o saber e seu aparecimento “a partir de condições e possibilidades externas aos próprios saberes”, já que eles são considerados como dispositivos de natureza política.

Esses saberes, ainda de acordo com Machado, não são mais do que peças produzidas nas relações de poder; ou ainda, materialidades, práticas, acontecimentos tornados dispositivos políticos articulados às dinâmicas e estruturas econômicas.

Na genealogia, portanto, esses saberes são compreendidos como aquilo que surge após as práticas disciplinares de docilização dos indivíduos. Ao abandonar a ideia do sujeito do conhecimento que produz o saber a partir de objetos e categorias de análise, originadas desse próprio sujeito, Foucault sugere que todo o saber é poder e vice-versa. Ou seja, toda relação de poder que é exercida imediatamente produz um saber, que, por sua vez, é responsável pela construção e pelo exercício de novas relações de poder (FOUCAULT, 1987, p. 27).

As ciências humanas, como a pedagogia, a história, a psicologia e a geografia, na perspectiva genealógica, são indiscerníveis da ideologia:

O objetivo da genealogia foi neutralizar a ideia que faz da ciência um conhecimento em que o sujeito vence as limitações de suas condições particulares de existência, instalando-se na neutralidade objetiva do universal e da ideologia de um conhecimento em que o sujeito tem sua relação com a verdade perturbada, obscurecida, velada pelas condições de existência. (MACHADO, 2007, p. 176-177)

No primeiro volume de *História da Sexualidade: a vontade de saber*, essa relação se torna mais nítida e clara, quando Foucault sugere que existe uma explosão discursiva sobre o sexo nos últimos três séculos, ou seja, há uma incitação institucional a se falar sobre o sexo, em suas articulações mais visíveis, e em seus mínimos detalhes; isso para que houvesse “efeitos múltiplos de deslocamento, de intensificação, de reorientação, de modificação sobre o próprio desejo” (FOUCAULT, 1988, p. 26). Quanto mais se soubesse sobre o sexo, mais informações existiriam para que a linha entre o lícito e o ilícito fosse demarcada no interior mais íntimo das famílias e das relações conjugais. E é uma demarcação que, como técnica de poder, se exerce muito mais como discursos públicos do que é ou não útil ou bom, do que uma legislação regulatória e proibitória.

Mas o século XIX, de acordo com Foucault, serviu para que houvesse uma implantação das perversões, determinadas e reguladas por lei: desde as “recomendações” para as vidas e relações conjugais (FOUCAULT, 1988, p. 38), passando pela homossexualidade, infidelidade e até a bestialidade; tudo estava passível de condenação e/ou recuperação. Quanto mais se caçavam as “sexualidades periféricas” – descrevendo-as e especificando-as – mais se definiam os indivíduos, e mais as esferas institucionais poderiam agir, fazendo com que esses indivíduos entrassem no eixo desejado. Quanto mais intensos eram esses exercícios de uniformização, a partir da captação da

multiplicidade dos discursos, mais era conhecido e mais os saberes eram acumulados.

É a submissão dos corpos, e sua construção como um aparato político e econômico que, de acordo com a análise feita pela genealogia do poder, é onde está a construção do saber. Portanto, é necessário estudar o exercício do poder, as relações de força, para ser possível entender o surgimento dos saberes. O que a genealogia busca é justamente o que Foucault, no curso no Collège de France de 1976 acaba por chamar de “saberes sujeitados” (FOUCAULT, 1999, p. 13), ou seja, os processos que fizeram com que o próprio conhecimento – e aí também a ciência – fosse filtrado, hierarquizado, desqualificado e deslegitimado.

A genealogia só se torna possível, portanto, a partir daquilo que Foucault intitula como “a insurreição dos saberes sujeitados”, em uma ação em que os saberes não científicos, de senso comum, viessem à tona para que a análise do poder pudesse ser realizada. É a fala do médico ou do doente que se posiciona contra o saber da medicina; o discurso do policial ou do preso contra o sistema penitenciário; do professor e do aluno contra, ou marginalmente, ao sistema escolar.

Foucault, portanto, sugere a genealogia e a insurreição dos saberes por acreditar que as grandes teorias metanarrativas e totalitárias (FOUCAULT, 1999, p. 10), “envolventes e globais”, não são capazes de dar instrumentos que possam ser utilizados localmente, a não ser que se transformem esses saberes locais em uma representação ou teatralização, passíveis de ser completamente explicadas pela grande teoria. Além disso, Foucault não quer analisar a política e o poder a partir das formas regulamentadas e legítimas que analisam o poder em seus efeitos de conjunto, ou seja, se estudar somente as consequências ou os efeitos de um poder central regulatório, uma hora ou outra o pesquisador irá se deparar com a pergunta “de que é o poder”.

Mas, se a genealogia parte da perspectiva na qual o poder não é uma apropriação, e sim um exercício, é preciso estudá-lo a partir do fora, e como ele se exerce em suas trocas. É nessa força, que vem de fora, que se dá a construção de um saber. Como diria Deleuze (2006, p. 78-79), é o afeto criando pensamento.

Nesse sentido, é possível e necessário buscar outros espaços de produção de saber e conhecimentos, nos quais outras potenciais relações entre outras ecologias e educações estão sendo traçadas, integradas, conectadas e entrelaçadas. Quais são as outras possíveis educações ambientais que estão sendo construídas em espaços que não são hegemonicamente reconhecidos como produtores de educação ambiental, além das esferas acadêmicas, burocrático-estatais, e mesmo nos movimentos políticos e sociais que se intitulam como ecologistas e educacionais?

No entanto, quando esse texto se propõe a tentar fluir

diálogos entre a educação, a ecologia e a musicalidade extrema e as perspectivas anarquistas do *grindcore*, não é para averiguar se realmente existem educações ambientais em suas imagens, discursos, (anti)musicalidade e ações políticas. A intenção aqui é entender o *grindcore* como elaborador de ecologias e processos formativos das pessoas, sendo assim um agente também histórico, a partir de sua postura dissidente, resistente e rebelde, perante a cada vez mais intensa esquizofrenia produzida pelo Capitalismo Mundial Integrado.

## Grindcore: ruído e anarquia

O *grindcore* surge nos anos 1980, considerado, ao mesmo tempo, legado do *punk* e *hardcore*, assim como do *thrash* e do *death metal*. Apresentado como uma dissidência do *punk* – assim como o *thrash* e o *death* eram dissidências do metal clássico – tem em suas composições os três acordes do baixo e da guitarra, e a bateria em uma velocidade intensa, muitas vezes com o ritmo de uma britadeira<sup>7</sup>. Por sua vez, o ritmo criado pelo *grindcore* acabou se tornando referência para as bandas *death* e *black metal* dos anos 90.

Os primeiros indícios de conjuntos que podem ser considerados como pioneiros do *grindcore* surgiram de diversos países, como o Siege (EUA), Lärm (Holanda), Asocial (Suécia) e o Brigada do Ódio (Brasil). Eram bandas que se constituíam como *hardcore*, mas aceleravam a velocidade e criavam uma sonoridade completamente distinta, já que incluíam o que no Brasil chamávamos sucos, ou em outra terminologia, os *blast beats*, ou seja, o que fosse mais próximo da completa cacofonia.

Mas, o surgimento desses conjuntos se encontrava no contexto do movimento *punk* dos anos 80, cuja perspectiva libertária anti-Estado, anti-capital, anti-racista, ambientalista e feminista de suas temáticas estão presentes de maneira ativa e intensa. De acordo com O'hara (2005, p. 17), essa perspectiva não pode ser datada no surgimento dos Sex Pistols, e ter reaparecido com o grunge de Seattle. Após o fim dos Sex Pistols, a condição libertária dos conjuntos e dos indivíduos do *punk* e do *hardcore* do fim dos anos 70 e começo dos anos 80, se manteve ativa e crescente, circulando em redes internacionais e regionais de contatos, como acontecia entre as bandas de *thrash* e *death metal*. E bandas brotavam de todos os lados. O relato de O'hara é pontual nesse sentido:

A cena europeia apresenta um número maior de fanzines e bandas anarquistas, fazendo dos punks europeus, historicamente, mais ativos em termos políticos que os

7 Meu professor de bateria costumava chamar de “suco”, o momento britadeira na bateria grindcore e death metal, pois o som muitas vezes se assemelhava ao de um liquidificador batendo uma polpa de fruta congelada.



norte-americanos. Os criadores e editores desses fanzines foram influenciados pela segunda corrente do punk europeu (1980-1984), que era visivelmente politizada. Bandas como Crass, Conflict, Discharge, no Reino Unido, The Ex e BGK, na Holanda, MDC e Dead Kennedys, nos EUA, transformaram muitos punks em pensadores rebeldes, em vez de simples roqueiros. As ideologias dessas bandas se estendem até hoje por grupos que tocam em todos os diferentes pontos do espectro musical punk. (O'HARA, 2005, p. 74)

O conjunto grindcore há mais tempo na ativa é o Napalm Death. E, apesar de ter mudado todos os membros da formação original, as perspectivas em relação à sociedade, meio ambiente, política, religião e violência mantêm o mesmo radicalismo e contestação de quando a banda lançou seu primeiro álbum, intitulado *Scum*, o qual é aberto com uma lenta introdução, que repete constantemente Multinational Corporations, genocide of the starving nations<sup>8</sup> (NAPALM DEATH, 1987).

Banda formada em Birmingham em meados dos anos 80, composta na maior parte por filhos de operários, mostrou-se original devido ao extremo barulho de suas composições, ao teor ácido de suas letras, e pela brutalidade visual de sua capa.



Figura 1: Capa do álbum "Scum" (1987), da banda britânica Napalm Death

Uma grande caveira, com uma longa peruca despenteada, e com asas de morcego que se destacam na capa. Na sua frente, cinco homens, com os rostos deformados, vestidos de terno, com sorrisos sarcásticos e, na frente deles, uma mulher negra, esfarrapada, cercada de três crianças magras também farroupilhas, em pé sobre o le-

<sup>8</sup> Corporações Multinacionais, genocídio nas nações famintas.

treiro que traz o nome do disco, Scum. Por sua vez, o letreiro está rodeado de um mar de crânios, entre os quais se encontram as logomarcas de uma série de grandes corporações internacionais, como IBM, McDonald's, Nestlé, Coca-Cola, GM, Union Carbide, Kraft, ICI, Exxon, Roche, Ford, Phillips, entre outras. Nos cantos da capa, uma série de estruturas industriais, fortalecendo o discurso anti-industrial da perspectiva punk que permeia o universo das bandas de *grindcore*.

## Ecologias *noise*

O atual vocalista da banda, Marc “Barney” Greenway – ex-vocalista da banda death metal britânica Benediction, e está no Napalm Death desde 1990 – é um ativo militante ecologista e vegetariano; em diversos shows, veste uma camiseta do grupo Sea Shepherd, organizado por Paul Watson<sup>9</sup>. Aliás, no vídeo *On the Brink to Extinction*, de 2009, as imagens de caçadores de focas e baleias permeiam todo o videoclipe, e na composição, podemos notar a constante associação entre a extinção da vida no planeta como a extinção da raça humana;

Can we avoid a natural selection?  
do have the right to survive the failures  
nature, its force the scales unbalanced  
what's the next step? What can we resolve?<sup>10</sup>  
(NAPALM DEATH, 2009)

Mais do que uma simples indignação em relação à caça, a matança, ou a própria extinção de determinadas espécies, a banda se pergunta sobre o direito à sobrevivência humana após o desequilíbrio causado e promovido pela humanidade. Além disso, é evocada a noção do tempo, tempo limitado, em relação ao qual nós, humanos, estamos fadados a ficar sobre o planeta. A pergunta que se desvela é se estamos preparados, ou se poderemos resolver (solucionar) essa condição, fluída e temporária dos seres humanos sobre o planeta. Sugere-nos pensar a questão debatida por Castoriadis (2006), sobre a condição à margem do precipício que nós seres humanos nos encontramos, no que diz respeito não somente às perspectivas futuras e à ecologia, mas à própria produção de significados e sentidos

9 Ex-militante do Greenpeace, que abandonou ainda nos anos 70 devido à institucionalização, burocratização e única e exclusiva dedicação midiática. Paul Watson criou o Sea Shepherd com o intuito de promover a ação direta contra os baleeiros e caçadores de foca, entre outros. Sobre Paul Watson o Sea Shepherd, ver BURGIERMAN (2003).

10 Podemos evitar a seleção natural?

Temos direito de sobreviver às falhas?

Natureza, sua força, as balanças desequilibradas

Qual o próximo passo? O que poderemos resolver?

de mundo sobre as quais constantemente as relações entre a educação e a ecologia propõem a pensar.

Nesse sentido, a banda acompanha a tendência das bandas de *thrash metal*, ao abordar o apocalipse atômico, cujo discurso ora é mais metafórico e implícito, ora a abordagem é direta, e está presente tanto nos primórdios da banda, nos anos 80, quanto nas composições mais recentes:

The ascencion of human intelligence  
To atomic genocide  
Homo sapiens = the disease the cause the pollution  
Erase the ages of evolutions<sup>11</sup> (NAPALM DEATH,  
1987)

Eco-shock – fills our seas  
Eco-shock – bone disease  
Eco-shock – filling or skies  
Eco-shock – followed with lies  
Singular cancers – Absolute disasters  
Ironic tragedy – Dark aspects of chemistry<sup>12</sup>  
(NAPALM DEATH, 2012)

Principalmente na composição de 2012, as perspectivas sobre o mundo são sombrias e apocalípticas, no que tange à questão nuclear. Aparecem a energia e as bombas atômicas, a guerra como causa do armagedon e da destruição em larga escala, impedindo a manutenção da vida no planeta. O diabo, é o educador ecologista menor, que aparece vociferando de modo incompreensível, como o anjo da morte que anuncia o inferno fervente e radioativo, presente desde os mares e o ar contaminados, que invade o corpo até chegar os ossos, sob o aspecto da energia sem controle, como a banda *thrash Nuclear Assault* já havia anunciado, também nos anos 80 (BARCHI, 2016).

Mais do que fatalismo, há um combate, um anúncio de resistência, que nega e recusa a imposição de uma forma de energia, as justificativas da guerra e a própria legitimidade de um regime de governamentalidade policial. E não é só a letra que diz não, é a própria sonoridade das composições que não se permitem enquadrar em um contexto de aceitação do discurso, para torná-lo mais um entre vários aceitos, mas impotentes em sua força contestatória; legitimados, mas ao mesmo tempo banalizados por sua cir

11 A ascensão da inteligência humana  
Para o genocídio atômico  
Homo sapiens = a doença a causa da poluição  
Apagando as eras de evoluções.

12 Eco-choque - Preenche os nossos mares,  
Eco-choque - A doença óssea,  
Eco-choque - preenchendo nossos céus  
Eco-choque - Seguido com mentiras  
Cânceres Singulares/ Desastres absolutos  
Irônica tragédia/ Aspectos obscuros da química

culação midiática; e comercializáveis, matando sua independência e seu espírito *Do It Yourself*.

Ao manter, por tanto tempo, uma sonoridade “inaudível”, o *grindcore* levou ao extremo a impossibilidade de sua aceitação pela indústria musical – apesar das tentativas de algumas gravadoras e de certa popularidade de algumas bandas, como o próprio Napalm Death. Isso fez com que a assimilação, o apagamento e o impedimento de sua sobrevivência – tanto sonora quanto discursiva – se tornassem tarefas árduas e quase impossíveis para agentes policialescos tanto da música quanto de outras esferas políticas e sociais.

## Ecologias e educações “Gore”: Vegetarianismo, especismo, vivisseção

O *grindcore*, em sua herança *punk* libertária, absorve e dissemina as mais diversas preocupações entre os próprios punks, como entre outras esferas da música extrema, como o próprio *thrash*, o *death* e até o *black metal*. Uma das mais caras é a questão dos direitos dos animais, o vegetarianismo, o veganismo e o que é chamado de especismo<sup>13</sup>. O uso dos animais em laboratório é uma constante do discurso das bandas *grindcore*, como o próprio Napalm Death:

Inject me/ With your putrid diseases  
Stretch my senses  
Beyond the peak of insanity<sup>14</sup> (NAPALM DEATH,  
1988)

Aqui, nada é capaz de justificar a dor, o sofrimento e o abuso contra coelhos, macacos, ratos, gatos e cães em laboratório. O anarquismo, como igualdade de condições e direitos, estende a liberdade e a garantia de qualidade de vida a todos os seres que são considerados como sencientes, ou seja, conscientes de sua própria dor. Aliás, essa preocupação com os animais foi levada ao extremo com a banda Carcass.

Contemporânea e compatriota do Napalm Death, que contava, inclusive, com um ex-guitarrista da banda *grindcore* em sua formação, promoveria um encontro entre o *death metal* e o *grindcore*, criando um estilo mestiço que

13 Termo criado por Richard D. Ryder nos anos 70, considera que qualquer discurso ou ação que envolva o uso de animais para produção de roupas e alimentos, teste em laboratório, ou comercialização para estimação, é considerado como um preconceito e prejuízo à vida dos animais.

14 Injeta-me com suas enfermidades pútridas/ Esticando meus sentidos além do pico da insanidade

passaria a se chamar *splatter*. Sua sonoridade oscilava entre o *grind* e o *death*, e as suas temáticas eram “Gore”, ou seja, uma constante fala sobre enfermidades, cadáveres, deterioração do corpo humano e escoriações extremas, expondo a nua e crua verdade sobre os processos de deterioração humana.

O nome dos dois primeiros discos, *Reek of Putrefaction* e *Symphony of Sickness*, e as próprias capas – completamente preenchidas de fotos de doenças expostas, cadáveres, pedaços e restos de corpos – possibilita uma compreensão das letras que estavam sendo regurgitadas, vociferadas, vomitadas e berradas pelo Carcass. Por exemplo:

Inhaling the dark smells  
As you gorge out the dripping innards with glee  
Succumbing to a translucidid state  
As you sniff the aroma of necropsy  
Bacterial decomposition  
The aroma of larval infestation  
Consumin, ripening slime  
As the cadaver is slowly wasting<sup>15</sup> (CARCASS, 1989)

Apesar de muitas bandas de *death metal* usarem a temática do horror gore, da morte e das mutilações como forma de criar impacto, divertir-se com um humor negro, ou simplesmente conseguir sucesso com um público que buscava cada vez mais essa temática entre os anos 80 e 90, o Carcass, com esse discurso promotor de repugnância e asco, afirmou uma brutal militância pró-vegetarianismo, pró-animais:

Para Carcass, esse ângulo era el vegetarianismo. Aunque sus implicaciones eram que la carne animal y humana eran una y la misma era constantemente representadas em lo sangriento de la portada de su álbum, *Steer y Walker*<sup>16</sup> eran devotos vegetarianos, mientras Owen sin ser tan estricto, también era vegetariano. (MUDRIAN, 2009, p. 132)

Um verdadeiro açougue, um matadouro. Era dessa forma que o Carcass expunha a recusa ao consumo de carne e invertia ao extremo a ecologia do vegetarianismo. Assim como a própria educação, já que ao referir-se a uma carne,

15 Inalando os cheiros frios e úmidos  
Enquanto você devora as entranhas gotejantes com alegria  
Sucumbindo a um estado translúcido  
Enquanto você funga o aroma de uma necropsia  
Decomposição bacteriana  
O aroma da infestação larval  
Consumindo, lodo amadurecido  
Enquanto o cadáver apodrece vagarosamente.

16 Bill Steer e Jeff Walker, guitarrista e vocalista do Carcass desde o início da banda. O ex-baixista Michael Owen não quis participar do retorno da banda em 2009.

de forma indistinta, se era animal ou humana, sugeria pensar a legitimidade do exercício de poder humano sobre as outras espécies animais. A partir de uma avalanche sonora de distorções, *blast beats* e vocais guturais vomitados, berrando incompreensivelmente sobre necrotérios, cirurgias e doenças, o Carcass levava a ecologia a outro patamar do inferno: o do corte, da escoriação, da exposição na superfície da carne.



Figura 2: Capa do álbum “Symphonies of Sickness” (1989), da banda britânica Carcass.

Anos mais tarde, no disco de retorno (a banda ficou inativa por 18 anos), o Carcass, traria a questão ecológica novamente à tona, buscando no escritor britânico William Blake o conceito de “satânicos moinhos negros” (*Dark Satanic Mills*)<sup>17</sup>, do poema Jerusalém, para tratar da questão da industrialização europeia, e o processo de “moagem” de carne humana promovido pelas fábricas recém-instaladas em território britânico, especialmente em Albion, cidade amada de Blake.

Six, zero, two, six, nine, six, one  
Torn apart in the soul destroying...  
Six, zero, two, six, nine, six, one  
Sweat & no redemption in the dark satanic mills

An existence, subservient, blinded you'll see  
"A working class hero is something to be"  
An existence, subservient, blinded you'll seed  
A working class hero is something to bleed<sup>18</sup>

(CARCASS, 2013)

17 A sugestão de TAVARES e PEREIRA (2010), é que o termo Dark Satanic Mills, encontrados também na obra “Matrimônio entre o céu e o inferno”, pode ser entendido como “braços opressores de ferro”.

18 Seis, zero, dois, seis, nove, seis, um... dilacerado em uma alma destruída.

Seis, zero, dois, seis, nove, seis, um... Suado e sem redenção nos negros moinhos satânicos.

Uma existência, subserviente, cego você verá

“Um herói da classe trabalhadora é algo a ser”

Uma existência, subserviente, cego você semeará

“Um herói da classe trabalhadora é algo a sangrar”

A associação entre os trabalhadores operários e os animais, sugerida na temática *splatter* do Carcass também aparece no último álbum do Napalm Death, intitulado “*Apex Predator – Meat Murder*” (Superpredador – Carne Fácil), em que o discurso vegetariano se aproxima do discurso de defesa do próprio trabalhador. Tão presa quanto são os bois, vacas, porcos, frangos, entre outros bichos, são os trabalhadores das classes menos abastadas transformadas em combustível para a manutenção da produção, não só do trabalho fabril, mas de todas as esferas laborais.

A capa, diferente dos álbuns anteriores, que geralmente mostravam mosaicos de imagens ligadas aos mais distintos aspectos das questões políticas, sociais, ambientais e econômicas, é simplesmente uma bandeja de supermercado, embalada em plástico PVC, que de longe parece um pacote comum de carne resfriada, mas que olhando mais de perto, mostra diversos pedaços de corpo humano, cortados e misturados. Esse é um discurso comum entre militantes vegetarianos, como por exemplo, nas ações do grupo PETA, em cujas ações públicas embalam pessoas sob tinta vermelha, e as “empacotam” como se fossem carne para vender, mas que também pode ser associado à exploração contemporânea da carne da multidão, a qual, para o filósofo italiano Antonio Negri (2009), é ao mesmo tempo passível de ser explorada e moída, como potencializadora de devires revolucionários constituintes de novas composições sociais, políticas e econômicas. Que posso também incluir como ecológicas.

No sentido tanto de defesa dos animais, como da refutação à energia atômica, quanto a outras esferas da crítica à destruição da vida, vale fazer referência a uma banda belga, chamada Agathocles. É uma das bandas mais ativas nos mais diversos sentidos da militância no *grindcore* libertário, seja no sentido de produzir composições e álbuns, seja no sentido de apoiar outras bandas, seja na ação direta pelos direitos dos animais, pelo vegetarianismo, pela denúncia das práticas predatórias.

Entre LP’S, EP’S, CD’S, coletâneas, fitas, seja solo, ou em parcerias com outras bandas, são mais de 250 trabalhos lançados pelo Agathocles. Desde 1987, muitas de suas capas fazem referências diretas ao uso de animais em laboratório, fazendas, fábricas de roupas, além da exposição de outros discursos militantes libertários, como a crítica à ação policial, à disseminação da fome no mundo, ao racismo e à pastoralização religiosa.

Quero destacar três capas. A primeira é de um EP chamado *If this is cruel, what’s vivisection then?*, o qual mostra uma pessoa deitada, amarrada com correntes, com tubos entrando pela boca, pelo nariz, ouvidos, com os olhos tapados com uma espécie de óculos especiais, e uma série de outros tubos entrando pela pele e pelo pescoço. O nome do EP não é referente a nenhuma música, mas é referente à capa e a mensagem em si. A alusão à crueldade presente aos

testes em animais, que permeia grande parte das temáticas das bandas libertárias, é também uma militância ativa do vocalista Jan Fredrickx, último remanescente da formação original, e também um militante vegetariano, libertário e anti-vivisseccionista, como Barney Greenway, do Napalm Death.



Figura 3: Capa do EP "If this is cruel, what's vivisection then?" (1990) da banda belga Agathocles

Outra capa é do EP *split* (em conjunto) com a mais conhecida banda *grindcore* brasileira chamada Rot, de Osasco, que mostra a imagem de uma bomba sendo detonada (aparentemente um teste em área oceânica) e que se intitula *Wiped from the surface*, que é também a primeira música do EP:

Nuclear intoxication \Areas where all life has gone  
 Exposed to radiation \Research the effects of the  
 bomb  
 Militarism fucks up things \Only trying a war to win  
 Reducing humans to a thing \Thrown like garbage  
 in the bin  
 Addicted to power \Addicted to greed  
 Another mutant bow \From the capitalism breed  
 Research for what purpose \To blast all life-forms  
 from the surface  
 Does science know its limits? \Will the threshold  
 ever be reached?<sup>19</sup> (AGATHOCLES, 1994)

19 Intoxicação nuclear \Áreas onde toda vida se foi  
 Expostos à radiação \Pesquisando os efeitos da bomba.  
 Militarismo ferra tudo \Somente buscando uma guerra para ganhar  
 Reduzindo humanos à coisas \Descartadas como lixo em lixo  
 Vício em poder \Vício em ganância  
 Outro mutante nasceu \Da raça capitalista  
 Pesquisa com que propósito \Para explodir todas as formas de vida da superfície  
 A ciência sabe seus limites \O limiar nunca será alcançado?



Da mesma forma em que o Napalm Death recusa, refuta e contesta a energia nuclear, o discurso do Agathocles questiona os propósitos e os limites da ciência. Uma ciência militarista, de Estado, que é financiada e legitimada como a forma racional de desenvolvimento da humanidade, que não pode ser contestada, a não ser por práticas inseridas no seu paradigma, então, em vigência.

Ao negar a ciência nuclear, devido aos seus propósitos militares e estatais, aos seus paradigmas e conseqüentemente seus métodos, o *grindcore* antinuclear do Napalm Death e do Agathocles, assim como o discurso antivivisseccionista e anti-especista do Carcass – e de uma grande quantidade de outras bandas *grindcore* e *splatter* – solicitam a exigência e a existência de outras ciências. Ciências que, ao refutarem o Método em prol dos métodos, e o fim da exclusividade do Estado/Capital na produção de ciência, estão se aliando principalmente à reivindicação de Feyerabend pela multiplicação dos métodos, e evocando Foucault, ao se estabelecerem, por intermédio da (anti) música como promotoras da “insurreição dos saberes”.

O *grindcore*, o *thrash metal*, o *splatter*, o *death metal* ou o *metal* clássico, ao se colocarem ao lado dos discursos dos vencidos – os indígenas, os afetados pela radiação, os animais – e recusarem a ciência de Estado, maior, se propõem como máquinas de guerras nômades, ciências menores, saberes insurrectos, pois já não concordam com as formas e afirmativas das ciências instituídas e maiores. Ao se postarem como tal, se aliam às perspectivas que não mais se colocam como alinhadas aos rebanhos normatizados e policialmente governamentalizados, no que diz respeito à reprodução dos saberes maiores.

Os gritos, urros e vociferações contra a infinidade dos horizontes científicos e suas catastróficas conseqüências, sugerem a abertura do debate sobre as reais necessidades dos coletivos sociais humanos, e de quais saberes e conhecimentos atendem a essas reivindicações, ou se somente atendem aquilo que o mercado precisa para sua ampliação, e a respectiva segurança que os Estados irão promover para que isso se mantenha expansível.

A terceira capa é do disco de 1997, chamado *Humarrogance*. Diferente da maioria das capas das bandas *grindcore*, e de suas próprias capas anteriores, não há uma foto, ou um mosaico de imagens que represente ou os membros da banda, ou alguma mensagem ou discurso panfletária direta, mas uma gravura que não permite uma digestão rápida e instantânea da imagem.

Há quatro pessoas, cujas feições impedem a sua identificação de gênero. Estão postadas à esquerda da capa, em frente a uma grande mesa coberta por um lençol branco. Sentadas em pares, o rosto destas pessoas parecem fundir-se, dando a impressão de quatro rostos misturados em dois, disformes, indefinidos e inexpressivos, com exceção do terceiro rosto da esquerda para a direita.

Os dois primeiros estão reproduzidos na frente dos dois outros, em uma pequena escultura postada sobre a mesa. As mãos dos dois primeiros rostos – brancas, praticamente tumulares, parecendo frias e sem vida, estão segurando um pequeno relógio de areia e uma borboleta amarela, a qual parece estar sendo o motivo de conversa entre essas duas pessoas.

Sobre a mesa ainda há uma mão - que parece de manequim, pois o pulso está diretamente sobre a mesa – segurando um ovo, e também um pequeno busto, cuja aparência é semelhante a das pessoas sentadas ao redor dessa mesa. Ainda na parte de cima da capa, é perceptível somente a borda de outra mesa, e as pernas desnudas de uma de outra pessoa, em pé. Ao me debruçar sobre a música título, que abre o álbum, a capa começa a tomar algum sentido. O termo “Humarrogância” dá voz à crítica ecológica e anárquica do Agathocles, quando aparece a contestação ao sentimento de superioridade que os seres humanos parecem ter em relação à seres considerados menores e inferiores.

Yet another song/About our human race  
Creating a planet of sadness /The products, these  
are we  
Yet another warning /For the human family  
Hummarogance is taking over /Stabbing earth to  
bleed  
Exploit and pollute, /Destruction, rape of woods  
These are just a few actions /Of intelligent  
humanhood,  
Just think, yes do think /Of what we are heading to  
And act, yes react /For the sake of mother earth  
(AGATHOCLES, 1998)<sup>20</sup>

Em 1998, quando esse álbum foi lançado, a banda já tinha quase 15 anos de estrada, e reclamava, na canção título, o cansaço de repetir constantemente quase que as mesmas coisas sobre a raça humana, sobre a família, sobre a moral, sobre os costumes, e sobre o suicídio coletivo que se aproximava devido à manutenção dessa situação, já que é justamente essa perspectiva de superioridade em relação aos outros seres, e a constante e ilimitada expansão da ciência que poderiam provocar os danos catastróficos à vida no planeta.

20 Ainda outra canção /Sobre a raça humana/ Criando um planeta de loucura /Os produtos somos nós  
Ainda outro aviso /Sobre a família humana/ “Humarrogância” toma conta /Apunhalando a Terra a sangrar  
Explore e polua /Estupre as florestas/ Estas são apenas algumas ações /Da superior inteligência humana  
Apenas pense, sim, pense /De como estamos a caminhar/ E aja, sim, reaja /Para o bem da mãe terra

# As potencialidades educativas das ecologias ruidosas do *grindcore*

É necessário destacar e evidenciar a presença das perspectivas educativas e ecológicas no universo da sonoridade extrema do *grindcore*. Não o processo regulatório científico, normativo, pastoral, governamentalizado e policialesco criado pelo universo escolar institucional, que insiste em criar modelos de ensino aprendizado, com currículos e práticas estabelecidas verticalmente aos envolvidos nos cotidianos escolares.

O termo *old school*, ou *new school* para bandas que mudaram a sonoridade e as perspectivas mais antigas, se refere não somente a um determinado ou vários estilos de (anti) música, ou música extrema, nascidas no meio de culturas “eXtremas” (CANNEVACCI, 2002) insubmissas, contraculturais e inconsequentes. Ou ainda, não se refere somente a uma fase, novas tendências musicais e estéticas exóticas, típicas das juventudes descontentes da virada do século.

Quando se fala em *old school*, se fala no fato de jovens entusiastas, mas rebeldes, contestadores e iconoclastas, que por meio de uma proposta ruidosa e inconformada, criaram outras perspectivas de ação política e ecológica, através do *grindcore*, entre outras sonoridades extremas surgidas a partir dos anos 80.

Os logos das bandas, as capas de LP, EP’s, CD’s, os desenhos das camisetas, a sonoridade, os aspectos políticos, sociais, culturais e, principalmente ecológicos das composições, possuem basicamente os mesmos elementos desde os anos 80, mostrando que verdadeiras escolas do pensamento, não institucionalizadas, foram sendo construídas.

Não são as escolas físicas, alicerçadas e fixas, sedentárias, com professores devidamente formados em instituições regulamentadas e autorizadas, cujos currículos, definidos de antemão, impõem saberes, histórias e ciências devidamente autorizadas pelos órgãos constituídos. E, principalmente, pelas quais todos necessariamente precisam que passar só pelo fato de ter nascido, independente daquela escola atender aos afetos, aos desejos, aos interesses.

Essa *old school* extrema, antimusical, contracultural, ruidosa, menor e inversa, apesar de seus conhecimentos e métodos próprios de produção de subjetividades e formação de determinados aspectos dos indivíduos, não está preocupada com conceitos ou imposições de uma noção de cidadania dos direitos e deveres que impõe ao indivíduo a incontestável inclusão na sociedade contemporânea. Ou com a formação das pessoas para o mercado de trabalho, por intermédio de uma série de imposições de condutas e

normatividades, associadas a uma lógica competitiva, no qual uma ecologia dos bons comportamentos precisa ser inserida.

Compreender a sonoridade quase sempre intransponível, assumir a aparência mórbida e *híbrida*, compartilhar a atitude de recusa e de combate, dar-se a fuga de uma unívoca noção do coletivo, e inserir-se em grupos que possibilitam outras formas de ser, de se relacionar e de existir, perpassam pela necessidade de haver um processo de aprendizado que permita como saber-ser esse outro.

Um aprendizado que é atravessado por constantes criações de amizades, estabelecidas em conversas de bar, de shows, trocas de fitas, LP's, CD's, VHS's, DVD's, revistas, fanzines, contatos. Mais do que um processo unicamente comunicativo e/ou comunicacional, há um intenso processo educativo formativo a partir do interesse e o entusiasmo em saber e se aprofundar mais nesse universo. Saber mais sobre as bandas, saber sobre mais bandas, ter mais contatos, participar de mais shows, ouvir e agitar com mais discos.

Se for possível chamar essas iniciativas, movimentos e dinâmicas de contraculturais, é porque um movimento de recusa à imposição das lógicas hegemônicas se faz presente. Assim como as perspectivas dos movimentos de 1968 são amplamente tratadas como contraculturais, as sonoridades *grindcore* ampliaram essa possibilidade, pelo fato de não somente uma contestação sobre os poderes institucionalizados ser realizada, mas todo um contexto de produção de subjetividades alternativas e resistentes terem se espalhado, rizomaticamente, ao redor do globo nos últimos 30 anos.

Mais do que contar a história dos vencidos, ou da plebe, ou dos trabalhadores pobres constantemente embrutecidos e explorados pelo capital, buscar outras construções de sentidos de ecologia e educação em movimentos de musicalidade extrema e perspectiva anarquista – como o *grindcore* – é compreender a produção de sentido em outras esferas cotidianas, nas quais educações ambientais outras também são realizadas. Senão do modo sugerido/imposto pelas políticas públicas, mas de modo muito singular e adequado às perspectivas de mundo dos indivíduos e coletivos envolvidos.

Essas histórias outras de construção de saberes e sentidos nas relações que envolvem a educação e o meio ambiente, não são somente excluídas por não se adequarem aos padrões e normas impostas pelas políticas públicas ou pelo interesse da educação para a sustentabilidade desenvolvidas pelo ecocapitalismo. São histórias que, em sua militância e sua condição rebelde, não fazem questão nenhuma de se adequarem à meta-história imposta àqueles que não participaram dos primeiros momentos da construção de uma determinada educação ambiental, que podemos chamar de maior, a qual não deixa de ser importante no processo de construção de sociedades não predatórias, mais

justas e igualitárias. Mas que não pode ser mais considerada como a única, a mais pertinente, mais sóbria e dialógica, pois, quanto mais ela se considera como tal, mais frágil é a possibilidade de sua existência transformativa, por seu apego à verdade, ao poder e à cristalização de seus ideais.

## Referências Bibliográficas

AGATHOCLES. Wiped from the Surface. In: AGATHOCLES. Wiped from the surface. Elephant Records, 1994.

\_\_\_\_\_. Humarrogance. In: AGATHOCLES. Humarrogance. Morbid Records, 1998.

BARCHI, Rodrigo. Contribuições “inversas”, “perversas” e menores às educações ambientais. *Interacções*, n° 11, p. 1-19, 2009.

\_\_\_\_\_. Poder e resistência nos diálogos das ecologias licantrópicas, infernais e ruidosas com as educações menores e inversas (e vice-versa). Tese de doutorado em Educação. Campinas: Unicamp, 2016.

BURGIERMAN, Denis Russo. Piratas no fim do mundo. São Paulo, Abril, 2003.

CANEVACCI, Massimo. Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Petrópolis: DP&A Editora, 2002.

CARCASS. Reek of Putrefaction. In: CARCASS. Symphonies of Sickness. Earache Records, 1989.

\_\_\_\_\_. The granulating dark satanic mills. In: CARCASS. Surgical Steel. Nuclear Blast, 2013.

CASTORIADIS, Cornelius. Uma sociedade à deriva: entrevistas e debates, 1974- 1997. Trad. Claudia Berliner. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2006.

CASTORIADIS, Cornelius; COHN-BENDIT, Daniel. Da ecologia à autonomia. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Brasiliense, 2001.

DELEUZE, Gilles. Foucault. Trad. Claudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2006c.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Kafka – Por uma literatura menor. Trad. Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

\_\_\_\_\_. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Vol.5, Editora 34, São Paulo 1997.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Trad. Raquel Ramalheite. 23ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. História da sexualidade I: a vontade de saber. Trad. José Augusto Guilhom Albuquerque e Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. Em defesa da sociedade: curso no College de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. São

Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Estratégia Poder-Saber*. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. (Ditos e Escritos: IV)

GALLO, Silvio. *Deleuze e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GODOY, Ana. *A menor das ecologias*. São Paulo: Edusp, 2008.

GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

LUTZENBERGER, José. *Ecologia: Do Jardim ao Poder*. Porto Alegre: LP&M Editores, 1985. Coleção Universidade Livre.

MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MUDRIAN, Albert. *Eligiendo Muerte: la improbable historia del Death Metal y Grindcore*. Trad. Carlos San Román C. NY: Bazillion Points, 2009.

NAPALM DEATH. *Multinational Corporations*. In: NAPALM DEATH. *Scum*. Earache Records, 1987a.

NAPALM DEATH. *On the brink to extinction*. In: NAPALM DEATH. *Time Waits For No Slave*. Century Media, 2009.

NAPALM DEATH. *Dragnet*. In: NAPALM DEATH. *Scum*. Earache Records, 1987b.

NAPALM DEATH. *Orders of Magnitude*. In: NAPALM DEATH. *Utilitarian*. Century Media, 2012.

NAPALM DEATH. *Display to Me*. In: NAPALM DEATH. *From Enslavement to Obliteration*. Earache Records, 1988.

NEGRI, Antonio. *Para uma definição ontológica da multidão*. Lugar Comum, n. 19-20, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

O'HARA, Craig. *A Filosofia do Punk: mais do que barulho*. Trad. Paulo Gonçalves. São Paulo: Radical Livros, 2005.

REIGOTA, Marcos. *A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens*. Teias, Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, v. 11, 2010.

TAVARES, Enéias Farias; PEREIRA, Lawrence Flores. *A composição dos livros iluminados de William Blake na década de 1790: poesia e revolução*. Letras (UFSM), v. 19, p. 81-100, 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Filiação Intensiva e Aliança Demoníaca*. Novos Estudos Cebrap, v. 77, 2007.